

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E ENSINO: CONCEITO, REFLEXÕES E UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM O CORDEL O POETA DA ROÇA, DE PATATIVA DO ASSARÉ

Clecinara de Freitas Barbosa¹
Vitória Taísa Bertoldo de Oliveira²
Dilene Kelly de Souza França³

RESUMO

A sociolinguística variacionista é uma área da linguística que se interessa pelos estudos relacionados à variação de uma mesma língua. O objetivo principal desse trabalho é apresentar conceitos e reflexões que envolvem a variação linguística, de modo a propor uma proposta didática com projeção para sala de aula, mostrando como, a partir do eixo da análise linguística, é possível fazer um estudo desse fenômeno no texto “o poeta da roça”, do gênero Cordel, de Patativa do Assaré. Essa pesquisa se desenvolveu de forma qualitativa, com objetivo exploratório e de caráter bibliográfico. Para tal, utilizamos os apontamentos de Nogueira (2009) sobre o gênero cordel; Faraco (2017) sobre o ensino de gramática; Dutra e Regis (2017) sobre a análise linguística; e como complemento para considerações acerca da variação linguística na escola, alguns documentos norteadores do ensino, como os PCN’s (1998), as OCEM’s (2006) e a BNCC (2017). A partir das considerações dessa pesquisa, podemos destacar como é importante que a variação linguística seja abordada e estudada em sala de aula e como esse trabalho pode ser possível a partir de perspectiva da análise linguística, que permite a análise e reflexão de textos que dão margem para tais conteúdos serem bem trabalhados e estudados.

Palavras-chave: Variação Linguística, Análise Linguística, Ensino, Cordel, Proposta de atividade.

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa, por si só, é constituída de regras e normas. Contudo, sendo o Brasil um país heterogêneo em cultura e costumes, a língua não ficaria de fora nessa diversidade. A Sociolinguística Variacionista é uma área da linguística que se interessa por objeto de estudo a variação da língua, analisando os fatores e os diversos termos que mostram a rica variação linguística presente dentro de um mesmo país.

¹ Graduanda do Curso de Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, E-mail: clecinara321@gmail.com

² Graduanda do Curso de Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, E-mail: vitoriataisa17@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, E-mail: dilenekelly123@gmail.com

Tendo em vista que a fala reflete à escrita, existem gêneros textuais que fogem do modelo padrão da gramática tradicional e apresentam traços de variação em sua composição, variações essas que são muito presentes na fala. Um exemplo disso é o gênero cordel. A literatura de cordel é comumente encontrada na região nordestina do país, definida como pequenos folhetos que podem ser alocados em cordéis (cordões, por isso o nome do gênero) em que apresentam poemas com rimas e de temas diversos.

Nas aulas de língua portuguesa, ainda é enraizado o ensino de gramática tradicional. Por esse motivo, muitos alunos perdem o interesse dos estudos da língua, pois imaginam que ela só se resume as regras e classificações linguísticas. No entanto, a língua é heterogênea e multifacetada, dessa forma além de levar para sala de aula as regras gramaticais, o professor também deve conscientizar o alunado acerca da variação existente e que não existe o “certo” e “errado”, mas a adequação e inadequação linguística. Através da análise linguística esse trabalho é possível, pois ela permite a análise e reflexão dos textos tendo como foco principal os usos linguísticos presentes neles, permitindo que variações presentes em um texto sejam objeto de estudo.

O objetivo principal desse trabalho é trazer conceitos e reflexões acerca dos estudos da sociolinguística variacionista, de modo a fazer uma projeção para a sala de aula, mostrando como o eixo da análise linguística permite fazer um estudo desse fenômeno a partir do gênero cordel. Ademais, também é interesse dessa pesquisa, mostrar como é possível e necessário as aulas de língua portuguesa se pautarem em textos para os estudos gramaticais, enfatizando-o como norteador da aula.

Como embasamento teórico, utilizamos as reflexões de Faraco (2017) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (1998), no que diz respeito ao ensino de gramática. Sobre a sociolinguística variacionista, utilizei os documentos norteadores do ensino: as Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006), os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), como também Oliveira e Wilson (2017), Bechara (2014), Bagno (2007) e Antunes (2009). Sobre análise linguística e o gênero cordel, Dutra e Regis (2017) e Nogueira (2009), respectivamente.

Nas seguintes páginas, primeiramente, serão apresentadas reflexões acerca do ensino de gramática tradicional no âmbito escolar. Em seguida, abordaremos acerca da sociolinguística variacionista, trazendo conceitos e reflexões sobre os usos linguísticos cotidianos e a sua relação com o ensino. Posteriormente apresentaremos uma proposta didática projetada para os anos finais do ensino fundamental II, pela perspectiva da análise linguística, que envolve a sociolinguística variacionista presente no gênero textual Cordel.

METODOLOGIA

Tendo em vista a necessidade de pesquisas e reflexões acerca do ensino de língua portuguesa para a formação de estudantes leitores e críticos, essa pesquisa é de natureza qualitativa e de caráter bibliográfico. É apresentado conceitos e reflexões acerca da sociolinguística variacionista aliada ao ensino de português na sala de aula, considerando a presença marcante da gramática tradicional como fator excludente do ensino com textos em que a variação linguística é presente, como a literatura de cordel.

Para a realização desta, primeiramente, buscamos a leitura de textos teóricos que tem como temas o ensino de gramática; a sociolinguística variacionista; a literatura de cordel; e a análise linguística. Também, pesquisamos nos documentos oficiais que orientam o ensino, certos conceitos e métodos que envolvem o ensino da variação linguística. Seguidamente, realizamos a construção da proposta didática com base em uma poesia de cordel de Patativa do Assaré, no qual a variação linguística é riquíssima.

Tal proposta é direcionada aos anos finais do ensino fundamental II, uma vez que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aponta que “Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico” (BRASIL, 2017, p. 161) são habilidades dessa etapa de ensino. Na proposta está presente a análise de fatores presentes no próprio texto, o poeta da roça, de Patativa do Assaré, pois ele é usado como norteador da análise. Questões que envolvem o objetivo do texto, a estrutura composicional dele, a relação entre o título e o conteúdo e a análise de unidades linguísticas, são presentes na proposta que visa levar para a sala de aula o estudo de um texto que mostra a diversa variação presente na língua.

REFERENCIAL TEÓRICO

Uma das principais dificuldades que os alunos do ensino básico se queixam sobre a disciplina da língua portuguesa é a questão do “escrever corretamente”. E são esses alunos que saem da escola, se tornam adultos e permanecem com a mesma dificuldade, saem da escola acreditando que não sabem escrever corretamente. Um exemplo prático da constatação desse fato, é quando há o ensino de uma segunda língua na escola. Eles afirmam “*Eu não sei nem o português, quanto mais o inglês*”, mostrando que é uma questão que envolve e acarreta problemas fora da aula de língua portuguesa. Mas será mesmo que não sabem escrever?

O que os alunos não sabem é que não estão se referindo a língua, mas as regras gramaticais. De certo, não são as regras gramaticais que são difíceis, mas a metodologia do professor as torna difíceis. A utilização de métodos tradicionais de decorar apenas o certo e o errado, sem um determinado contexto de uso com classificações de palavras aleatórias, torna a aprendizagem difícil e maçante. Além disso, eles anulam a presença de variações e os contextos sociais. Assim como afirmam os PCN's:

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor da que a de outras, o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (BRASIL, 1998, p. 31).

O ensino de gramática, não é uma pauta atual, muito menos um assunto recentemente levado para a escola. Sobre isso, de acordo com Faraco (2017, p. 11) “Escola e gramática caminham juntas há milênios. No currículo medieval, a gramática era uma das disciplinas do *trivium*, ao lado da lógica e da retórica. E estava no *trivium* como herança das concepções teóricas e pedagógicas desenvolvidas pelo mundo greco-romano”. Dessa forma, observa-se o ensino da gramática como uma disciplina histórica, não só pelos seus estudos, mas também pela importância deles por se tratar de analisar um objeto muito utilizado por todos: a língua.

Diariamente usamos a língua, ela é importante para nossa comunicação diária. Conversas em redes sociais, memes na internet, “textão de facebook”, são gêneros cotidianos diversos que usam da linguagem como um instrumento para a compreensão e comunicação no dia a dia. Tendo em vista isso, percebemos que utilizamos a gramática para tudo, já que a todo instante estamos desenvolvendo gêneros textuais, e eles se materializam na gramática.

Falar corretamente é comumente visto como algo de prestígio dentro da sociedade, além de que é relacionada como algo da elite. Mas essa valorização não se deu desde hoje, pois historicamente a gramática sempre foi vista como uma disciplina de prestígio. “Entendida como “arte”, ou seja, como um saber prático, a gramática era considerada o instrumento para o aprendizado da variedade assumida como modelar. Não a gramática em si, tomada isoladamente, mas combinada com a leitura, o estudo e o comentário dos textos dos poetas e prosadores culturalmente prestigiados” (FARACO, 2017, p. 12).

Sobre a gramática, podemos encontrar vários tipos de abordagens. As mais comentadas são: 1) a gramática normativa (ou prescritiva), que se detém em categorizar os elementos linguísticos em certas classificações fixas, anulando as variações presentes na língua. 2) A gramática histórica, como próprio nome sugere, visa apresentar a evolução da língua tendo em vista a história. 3) A gramática comparativa que visa estudar gramática comparando a língua

com outras línguas que pertencem à mesma família, no caso do português, pode ser comparado com o francês, ou espanhol, ou italiano... 4) A gramática descritiva objetiva descrever o sistema da língua em todos os seus aspectos. Essa gramática busca entender como a língua funciona, considerando sua mutabilidade e seus diferentes contextos de utilização, desinteressada com questões normativas.

É necessário entender que não existe uma gramática certa e outra errada, uma não anula a outra. O que deve haver é complementação, não exclusão. O fato é que o ensino da gramática deve apoiar-se na realidade da língua e baseada na norma que a rege. “Há quem defenda um ensino sem gramática e voltado exclusivamente ao desenvolvimento das práticas de leitura, de escrita e de oralidade” (FARACO, 2017, p. 15), mas é importante estudar as normas para entender como a língua se estrutura e como certos recursos linguísticos podem funcionar, mas ao levar esse conhecimento para a escola, deve-se alinhar esse estudo aos usos diários feitos pela língua, para que assim aquele conteúdo tenha sentido para o aluno.

É importante refletir que, ao estudar gramática, deve-se ter cautela acerca da noção do certo ou errado. Na verdade, o que existe na língua referente aos usos linguísticos é a noção de adequado e inadequado. É necessário saber as normas para usá-las em ambientes que exigem elas, a partir disso se entende a noção de adequação, pois ela é utilizada onde convém. Assim, o que pode definir de que forma se expressar com a linguagem formal e informal é o contexto situacional no qual o falante se encontra.

Sendo assim, percebe-se que o estudo de gramática não é tão “chato” como é conhecido. Não se deve confundir a metodologia utilizada com o conteúdo que está sendo estudado. A língua faz parte do ser humano e de tudo que está ao seu redor, sendo assim é de grande valia que essa ressalva seja abordada em sala de aula para que o aluno perceba que o conteúdo estudado faz parte de sua vida e que não se resume em apenas certo e errado. A partir do momento que o estudante interage com o assunto, pois ele faz parte de sua realidade, ele se torna mais interessado e conseqüentemente absorve melhor o assunto estudado.

Sociolinguística variacionista: conceitos e reflexões

A Sociolinguística é uma ramificação da linguística que possui como objeto de estudo as variações e mudanças da língua. Com isso, a sociolinguística variacionista, se ocupa em estudar tais fenômenos em um contexto social da comunidade de fala. Nessa vertente, a língua é vista como dotada de “heterogeneidade sistemática”, um fator importante na identificação de

grupos e na demarcação de diferenças sociais em uma comunidade (COAN; FREITAG, 2010). Essa vertente linguística é muito presente na fala e pode ser visualizada na escrita.

A importância do estudo da variação linguística é afirmada pelos documentos oficiais que orientam a educação básica. Nas Orientações Curriculares para o ensino Médio é afirmado que:

Não se pode dizer que o sentido de um texto já está dado pelos recursos linguísticos pelos quais esse texto é construído. Afinal, o sentido atribuído às formas simbólicas está relacionado aos usos que os grupos fazem dos sistemas nos quais elas se encontram; portanto é variável, assim como são distintos os grupos sociais. Mas o sentido também está relacionado ao contexto efetivo em que se dá a interação, à singularidade de seus participantes, às suas demandas, a seus propósitos, aos papéis sociais nos quais eles se colocam etc. Em suma, pode-se dizer que o sentido é indeterminado, surge como efeito de um trabalho realizado pelos sujeitos (BRASIL, 2006, p. 25).

Já a Base Nacional Comum curricular afirma que “as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado” (BRASIL, 2018, p.81). E os PCN’s abordam que:

Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação (*sic*) linguística. Desse modo, não pode tratar as variedades (*sic*) linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções (BRASIL, 1998, p. 82).

É interessante notar como a língua portuguesa em si é uma língua que abrange diversos falares. Essas variações podem ser observadas normalmente no dia a dia por ser justamente um fenômeno natural que ocorre desde a formação da língua. Certos termos utilizados em determinada região podem ser impossíveis de serem entendidos por pessoas de outros lugares, e tudo isso dentro de uma mesma língua. Em citar um exemplo prático referente ao Nordeste, até “anatomia nordestina” existe.

O estudo sobre variação linguística pode não ser uma prática ocorrente nas escolas, muitas vezes por falta de material ou até mesmo despreparo do profissional para lidar corretamente com o assunto. Quando as aulas de língua portuguesa se voltam para abordar a observação e análise de distintos e específicos usos linguísticos, relacionando esses usos com os fatores sociais que cercam os grupos que assim se expressam, assume-se uma forma específica de concepção funcional de linguagem. (OLIVEIRA; WILSON, 2017).

Muitas vezes os alunos não sabem lidar com a heterogeneidade linguística, o que provoca a ocorrência do preconceito linguístico. A partir do momento que se entende o que é variação, como ela acontece e como os fatos interferem na linguagem, a maioria do preconceito

na linguagem diminuiria. Também, assim que percebe que a variação é algo natural e não caótico ou errado, o conhecimento sobre a sociolinguística expandiria.

A negação da variação da língua se dá pela ideia do certo e do errado, influenciado pela gramática normativa. Contudo, não existem apenas regras na língua, já que não é só disso que se faz linguagem. “[...] a norma não pode ser uniforme e rígida. Ela é elástica e contingente, de acordo com cada situação social específica. O professor não fala em casa como na aula e muito menos numa conferência. O deputado não fala na rua, ao se encontrar com um amigo, como falaria numa sessão da Câmara.” (BECHARA, 2014, p.21). Com isso, se exclui a noção de certo e errado, por uma questão de adequado e inadequado. E é exatamente disso que as diversas interações linguísticas são feitas.

É muito comum escutar a confusão de que o certo é falar a norma culta da língua, levando em consideração que esta advém da gramática normativa e tem um certo prestígio social. Contudo, norma culta não possui o mesmo significado que norma padrão. A norma culta se refere às regras claras e bem definidas do padrão de uso da linguagem informal, utilizada por todas as classes da sociedade, essa expressão deve ser entendida como designado a norma linguística praticada em dadas situações. Sendo assim, a norma culta não é “falada” apenas pelos privilegiados, todos nós temos domínio dessa norma, até porque “culto” não vêm de elite, vem de popular (BAGNO, 2007).

O ensino de língua/linguagem deve se pautar em questões comunicativas e de interação. Afinal, esse é o intuito de se estudar a língua portuguesa, aprender as diversas facetas que existe nessa grandiosa língua. Por isso, as teorias linguísticas, seja qual for, dá conta de que subsiste e subjaz a toda experiência de interação verbal um conjunto de regras, fixas ou flexíveis, que estabelecem as escolhas da organização das unidades, de maneira que seu conjunto faça sentido e possa funcionar comunicativamente. (ANTUNES, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para trabalhar em sala de aula o entendimento de um texto e de suas unidades composicionais, é necessário a prática de análise e reflexão, para assim absolver e entender o que o texto dispõe para o leitor. A análise linguística é uma prática de análise e reflexão sobre as estratégias discursivas, tendo como foco principal os usos linguísticos, com o intuito de contribuir na formação de leitores/escritores de gêneros diversos, capazes de se inserirem em eventos de letramento com eficiência e autonomia. (DUTRA; RÉGIS, 2017)

Toda análise linguística deve estar ambientada em algum gênero de texto, pois o “trabalho com gêneros textuais desempenha, portanto, um papel de extrema importância, uma vez que, a partir do contato com eles, o aluno pode ter um conhecimento de como utilizar os recursos linguísticos da melhor maneira” (DUTRA; RÉGIS, 2017, p. 541). Nesse trabalho, trataremos acerca do gênero textual cordel. O cordel trata-se de um livreto composto por poemas de autores nordestinos que podem ser definidos como:

Pequenos textos, alguns até agraciados com ilustrações chamadas xilogravuras [...] e de baixo custo com linguagem clara, cotidiana e tom humorístico, ricos em rimas, prezam a função poética podendo ser falado ou cantado com o acompanhamento de instrumentos musicais e uma verdadeira plateia, mostrando com isso o valor para a mediação com o outro, à oralidade e à memorização, tratam geralmente de assuntos pertinentes a realidade vivida pelos espectadores e remete-nos ao conhecimento de outros contextos históricos, porém não há limites para a criação e delimitação desses temas podendo inclusive tratar de assuntos religiosos e lendas (NOGUEIRA, 2009, p. 5-6).

Uma coisa importante de ser ressaltada nesse gênero é que o seu estilo evidencia questões da oralidade, sendo assim um espaço propício para a presença das variações linguísticas. A partir disso, o professor consegue, com êxito, um trabalho de análise tendo em vista o foco no estudo de variações linguísticas nordestinas.

Um grande nome na literatura que demonstra marcas de variação de linguística em suas obras é Patativa do Assaré. Compositor, poeta e repentista popular cearense que demarcava em suas poesias termos do nordeste brasileiro para reafirmar gírias e o modo de falar “nordestinês”. Com o seu jeito de se expressar, ganhou espaço na literatura brasileira e hoje é muito reconhecido pelos seus belos textos, como ele mesmo dizia “é melhor escrever errado a coisa certa, do que escrever certo a coisa errada”

“O leitor iniciante através dos textos de Cordel sente-se capaz de ler e concluir a leitura, pois os mesmos oferecem essa possibilidade por serem de fácil compreensão e falam da realidade de quem os lê” (NOGUEIRA, 2009, p. 8). Dessa forma, apresentaremos uma proposta de atividade direcionada aos anos finais do ensino fundamental II, acerca do texto “o poeta da roça” de modo a elencar questões de interpretação textual; relação entre o título e o texto; compreensão da relação entre frases e o texto; e estudo de unidades linguísticas específicas que apresentam traços de variação.

Originalmente, o texto “O poeta da roça” trata-se de um poema produzido pelo autor Patativa do Assaré. O texto aborda a respeito da vida simples de um homem da roça que não tem muitos estudos, nem condições financeiras favoráveis a ele, mas a sua vida simples e pacata é o que ele mais ama e zela. É uma história que mostra a felicidade nos pequenos detalhes da vida. Tendo em vista o seu modo de produção, através de livreto de cordéis, é um texto que

pode ser maleável e adaptável, devido as rimas presentes e o caráter rítmico e melódico, dessa forma também é encontrado melodicamente em forma de canção.

O poeta da roça – Patativa do Assaré

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de páia de mío

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estuda.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e dos eito.
E às vez, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu
peito.

Eu canto o cabôco com suas caçada,
Nas noite assombrada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,
Brigando com o tôro no mato fechado,
Que pega na ponta do brabo novio,
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendígo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
Eu vivo contente e feliz com a sorte,
Morando no campo, sem vê a cidade,
Cantando as verdade das coisa do
Norte.

(Disponível em:

www.culturaecoisaetal.com.br/2013/03/o-poeta-da-roca-patativa-do-assare.html. Acesso em: 8 nov. 2020.)

Tendo em vista a importância do reconhecimento do gênero a partir de suas características construtivas, para que o aluno consiga identifica-los em outros exemplos encontrados na vida cotidiana, o professor pode lançar os seguintes questionamentos: “Quantos versos e estrofes o texto possui?”; “É possível identificar alguma relação entre

as últimas palavras dos versos?"; "A temática de um texto também pode entregar características dele. Pela temática rural trazida no texto, é possível associar a algum gênero?". A partir dessas contestações, o aluno é levado a identificar o texto poético presente na literatura de cordel.

Sobre o universo textual em si, também é possível certos questionamentos em que objetivam entendimento do texto no todo. "Qual a ideia central do texto?"; "O título se adequa ao conteúdo do texto?"; "Qual trecho do texto entrega o nível escolar do personagem?"; "Como o personagem se sentia frente as dificuldades da vida?" e também questões de associação de verdadeiro e falso: "Marque V para verdadeiras e F para falsas" () o personagem vive na roça, mas trabalha na cidade; () o personagem tem uma vida simples, mas queria ganhar mais dinheiro; () a sua casa é tapada de barro; () pelo contexto da canção, demonstra ser alguém que não se importa em viver na roça.

Adentrando-se as unidades linguísticas presentes no texto para analisar a variação linguística, o professor pode levar questionamentos, como: "Observe que nesse texto, o autor utiliza de algumas palavras que demonstram marcas regionais. Identifique três delas e justifique se foi difícil o reconhecimento e o significado"; "No verso "Sou poeta das brenha", o que o autor quis dizer?"; "Na frase "Só canto o buliço da vida apertada" a que se refere o termo "buliço"?"; "Selecione do texto palavras que você não conhecia e busque o significado delas.". Com esses questionamentos sobre termos específicos, os alunos conseguirão "Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica." (BRASIL, 2017, p.83)

Ademais, outras questões que envolvem a variação podem ser levantadas. Inclusive, questões que envolvem reflexão e análise a respeito do posicionamento dos discentes frente ao conteúdo. Como por exemplo: "É correto afirmar que o autor se equivocou e escreveu esse texto de forma errada? Justifique."; "Veja tal situação: Você acredita que um jovem de 17 anos, natural da cidade de São Paulo, entenderia tal composição? Por quê?".

A partir dessa proposta, pode-se identificar como o texto pode ser bem aproveitado em sala de aula, de modo a levantar questões relacionadas a diferentes aspectos. Além dessas sugestões, o professor pode fazer a análise e reflexão de outros termos de variação linguística e outras perguntas a respeito de interpretação, já que o texto em análise traz reflexões sociais a respeito da concepção de "boa vida". Dessa forma o

texto é trabalhado a partir das suas próprias marcas e características singulares, tornando o trabalho em volta dele e a partir dele bem sucedido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente, ainda se vê enraizado nas aulas de língua portuguesa a perspectiva da gramática tradicional como norteadora do estabelecimento do que está certo ou errado na língua. Quando o aluno se depara com tal situação, em que se estuda palavras fora de um contexto e aleatoriamente, apenas para classificá-la gramaticalmente, o estudo não tem sentido e é afirmado como “chato”. Além disso, termos que são usados pelo alunado diariamente não são vistos em tal concepção de ensino, dessa forma traz para eles a noção de que aquilo que é falado e escutado cotidianamente é algo errado, por estar fora da gramática.

É de relevância para o ensino de língua portuguesa, que a ótica dos estudos linguísticos não seja pautada apenas na gramática tradicional como único meio de estudos relacionado a língua, afinal, nem tudo pode ser previsto por ela, como a variação linguística. Tal conteúdo deve ganhar seu espaço e importância, pois é algo que está relacionado com a diversa e rica variação da língua do Brasil, mostrando como ela é heterogênea e multifacetada

Ademais, esse conteúdo pode ser trabalhado através de textos que o apresenta em sua composição, como é o caso do gênero cordel em que a variação linguística não é só um recurso linguístico presente, como também é característica composicional do gênero. Tal reflexão e análise é permitida a partir da perspectiva da análise linguística, no qual indica ao professor que se deve perceber as singularidades de um texto para que o estudo aconteça a partir dele. Dessa forma, além desse estudo valorizar questões e termos que são utilizados no dia a dia, ele coloca em evidência o texto como principal norteador dos estudos, para que assim o trabalho com o gênero textual e o conteúdo seja pautado em um real contexto de produção.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. E se o ensino de línguas não perder de vista as funções sociais da interação verbal. In: ANTUNES, Irlandé. **Língua, Texto e Ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. cap. 10, p. 173-183.

BECHARA, Evanildo. Para quem se faz uma gramática? In: NEVES, Maria Helena de Moura; GALVÃO, Vânia Cristina Casseb; LEITE, Marli Quadros; SAVIOLI, Francisco Roberto Platão. **Gramáticas Contemporâneas do português**: Com a palavra os autores Evanildo Bechara ... [et. al.]. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014. cap. 1, p. 19-30.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (**PCNs**). Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998;

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Linguagem**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 173-194, 8 nov. 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Acesso em: 8 nov. 2020;

DUTRA, Camilla Maria Martins; RÉGIS, Laura Dourado Loula. Análise linguística em substituição ao ensino de gramática? Incompreensões teórico-metodológicas e possibilidades de articulação dos eixos de ensino. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 534-551, ago./dez. 2017.

FARACO, Carlos Alberto. GRAMÁTICA E ENSINO. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v.2, n. 19, p. 11-26, 2017.

MORAIS, Alexandre. O poeta da roça, Patativa do Assaré. In: **Cultura e coisa e tal**. [S. l.], 22 mar. 2013. Disponível em: <http://www.culturaecoisaetal.com.br/2013/03/o-poeta-da-roca-patativa-do-assare.html>. Acesso em: 8 nov. 2020.

NOGUEIRA, Angela Maciel. **Origem e características da literatura de cordel**. Orientador: Maria Isabel Rech. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Letras/Inglês) - Faculdades Integradas de Ariquemes – FIAR, Ariquemes, 2009

OLIVEIRA, Mariangela R. de; WILSON, Victoria. Linguística e Ensino. In: MARTELOTTA, M. Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 235-242.

O PORTUGUÊS são 3. In: BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. cap. 5, p. 99-117.